

EDITORIAL

A **REDOBRA** é um projeto mutante: se define à medida em que é feita, conforme os contextos circunstanciais que lhe fomentam. Mas, desde lá, em 2008, insinuava-se certa dinâmica como padrão que veio se estabilizando como escolha de rumo: sua concepção editorial e seu *modus operandi* compositivo firmaram-se como operações coimplicadas sem subordinação.

É uma revista acadêmica, justificada e nutrida pela sua condição universitária, cuja rotina instaurada entre ensino, pesquisa e extensão é também expandida pela liberdade inventiva com que a **REDOBRA** se dispõe a desafiar estados e qualidades de seu próprio projeto para cumprir-se como uma revista acadêmica sem perder-se em academicismos nem prender-se a normas de indexação. É o contexto acadêmico que supre seu fôlego, seu sopro e a ventania que espalha, pelos eventos, pelas pesquisas ou por outras atividades desenvolvidas pelos seus dois grupos-*mater*: Laboratório Urbano (PPG-AU) e Laboratório Coadaptativo LabZat (PPGDANÇA).

Suas edições expressam, assim, a teia de articulação entre pessoas, ideias, luga-

res, histórias, culturas e desejos que, a cada momento, constitui seu repertório do qual podem emergir novas conexões. Um percurso sem nenhuma previsibilidade de sucesso, cujas fases incluem a própria interrupção como movimento de microturbulência contínua. . . À espera de qualquer nova faísca que reinstaure seu sentido de interlocução e de novos recursos que lhe assegurem algum fôlego.

A **REDOBRA n. 15** resulta da faísca trazida pela fricção das referências de mundo, vida, convívio e futuro que os seus dois grupos de pesquisa condutores experimentaram com outros desde a sua interrupção em 2014. E se deve também ao impulso tenaz do professor Leo Name que, em seu estágio pós-doutoral entre nós, foi um dos que organizou um minicurso sobre a temática desta edição e catalisou o novo agrupamento desta vigorosa e imaginativa equipe editorial – reforçada pela especial contribuição de outra pós-doutoranda, Janaína Bechler, coordenadora da pesquisa Arquivo Laboratório Urbano.

Retoma-se, assim, a **REDOBRA**: agora de novo em formato digital e amparada pela instância crítica e colaborativa de um novo Conselho Editorial, reunido por antigas e dispersas afinidades cujo ponto de conexão mais evidente é o compromisso que suas atuações acadêmicas e artísticas expressam em defesa da democracia, do espaço público, da Arte e da Universidade.

8

Retome-se, assim, os desdobramentos infinitos da errante **DOBRA**, **DESDOBRA**, **REDOBRA** e, com eles, o pulso quase interdito da nossa resistência aos sufocares diversos que nos assombram hoje.

Outra faísca propulsora desta retomada partiu das reflexões coletivas do grupo Laboratório Urbano PPGAU/UFBA desenvolvidas, nos últimos anos, em torno das temporalidades e materialidades implicadas nos processos urbanos, abordando História e Memória da experiência das cidades pelos seus desdobramentos na paisagem urbana, no corpo e na arte, com a contribuição constante e sempre provocativa do historiador Washington Drummond. Particularmente, a partir da pesquisa Arquivo, coordenada por Janaína Bechler, que tem se dedicado ao estudo dos materiais de arquivo do grupo Laboratório Urbano, dentre os quais a própria revista **REDOBRA**. A publicação teve seu primeiro número lançado em 2008, em ocasião do Encontro e da plataforma de ação CORPOCIDADE, consolidando a parceria com o grupo LabZat do PPGDANÇA/UFBA.

Nesse trabalho, de debate, fragmentação e remontagem do material do arquivo, surgiu uma questão temporal que se evidenciou cada vez mais nitidamente. Verificou-se que alguns conceitos que eram chaves de entendimentos, tensionamentos e problematizações na produção do Laboratório Urbano e do Labzat, de forma central, gradualmente eram colocados na sombra de outros que, sucessivamente, iam ganhando maior evidência. Perceber esse movimento temporal conduziu a pesquisa a um corte nesse arquivo, em torno de conceitos-tempos, chamados de “marcadores”. Parece-nos interessante expô-los no presente mo-

mento, em que a **REDOBRA** tanto se relança quanto se redefine, rumando por outros caminhos.

- Da criação dos grupos e do lançamento da publicação até 2012, os debates pareciam gravitar em torno das múltiplas noções e abordagens concernentes à conceituação do “Corpo”.
- Entre 2012 e 2014, momento em que o Laboratório Urbano recebeu aportes do edital FAPESB/CNPq 028/2010, com a pesquisa “Experiências Metodológicas” apresentada ao Programa de Apoio a Núcleos Emergentes (PRONEM), os textos e os debates passaram a dedicar mais atenção às múltiplas noções de “Experiência”.
- A partir de 2014, justamente quando a **REDOBRA** sofre uma interrupção, os debates em torno da “Narrativa”, que se faziam crescentemente presentes já durante a pesquisa do PRONEM, ganharam ainda mais força.

Evidentemente esse corte temporal-conceitual é um artifício de organização de um arquivo, baseado nos conceitos que acompanham os dois grupos de pesquisa desde seu início – mas sem a pretensão de representar a sua totalidade ou abarcar toda a variedade temática e conceitual do Laboratório Urbano, do Labzat ou da **REDOBRA**. No entanto, ele faz evidente o quanto tanto os dois grupos quanto a publicação nunca pretenderam centrar-se em abordagens estritas ou estreitas, voltando-se às multiplicidades e aos desvios que são próprios do trânsito de ideias – e, por isso, à produção do conhecimento que se pretende aberta tanto à convergência quanto à divergência.

9

Neste ano de 2020, vimo-nos em meio a uma pandemia mundial sem precedentes: a Covid-19 (que no momento em que escrevemos já ultrapassou a marca de mais de 100.000 pessoas mortas no Brasil) de algum modo obriga a todas e todos porem-se em reflexão, produzindo novas narrativas sobre o presente e o futuro – e sobre si mesmos. É nesse contexto que a **REDOBRA** volta, inclusive se pretendendo semestral como nas suas últimas edições. Sendo assim, julgamos necessária uma breve narração sobre percurso que nos levou a esse momento.

O já referido minicurso chamava-se *Insurgências decoloniais: geopolítica do conhecimento para outros mundos possíveis* e ocorreu entre 13 e 25 de maio de 2019 no auditório Mastaba da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). Tal atividade foi realizada pelo Laboratório Urbano e pelo Labzat, em conjunto com o grupo de pesquisa Decolonizar a América Latina e seus Espaços (¡DALE!), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), coordenado por Leo Name. As seis aulas e mais uma oficina foram ministradas por ele, Gabriel Rodrigues da Cunha (ambos do ¡DALE!) e Marcos Britto (atualmente no Laboratório Urbano). Outras duas edições aconteceram na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), en-

tre 5 e 16 de agosto de 2019 (com Leo e Marcos); e entre 26 de agosto a 6 de setembro de 2019, na UNILA (com Gabriel e Tereza Spyer, do ¡DALE!).

O minicurso foi uma atividade preliminar de aproximação entre os modos de fazer e os modos de pensar do Laboratório Urbano, do LabZat e do ¡DALE!. O último propôs aos primeiros uma mirada ao chamado “giro decolonial latino-americano”, tendo sido debatidos alguns conceitos dessa abordagem: as colonialidades do poder, do saber, do ver, territorial e de gênero, a geopolítica do conhecimento e a desobediência epistêmica. Pretendeu-se pensá-los no debate com a arquitetura, a produção de imagens, o design e o patrimônio material. A troca entre os grupos foi extremamente rica: em muito devido a suas ancoragens epistemológicas serem efetivamente muito distintas, rendendo saudáveis divergências; mas também por possuírem propostas político-conceituais convergentes, ambas afeitas à mistura, ao questionamento constante e à interdisciplinaridade.

Foi em outubro de 2019 que se começou a aventar a possibilidade de um retorno da **REDOBRA**, retomando seu papel interdisciplinar na pesquisa do campo do urbano em sentidos ampliados e, também, visando ao registro de atividades do Laboratório Urbano e do Labzat. A ideia de um número relacionado ao minicurso com uma equipe de editores específica (Leo Name, Tereza Spyer e Gabriel Cunha) consolidou-se em janeiro de 2020. Tendo como referência a última edição da **REDOBRA** – lançada em 2014 – seu respectivo projeto gráfico a cargo de Daniel Sabóia, Patrícia Almeida e Janaina Chavier e sua divisão em cinco seções (**ENTREVISTAS, ENSAIOS, EXPERIÊNCIAS, DEBATES e RESENHAS**), essa equipe travou contato com autores e autoras nacionais e internacionais, internos ou externos à UFBA, ao Laboratório Urbano e ao ¡DALE!. O objetivo foi o desenho de um debate ampliado, que contivesse tanto acordos quanto desacordos, aproximações e distanciamentos com relação ao giro decolonial.

A equipe, contudo, foi surpreendida por uma avalanche de aceites para entrevistas, artigos, autorizações e sugestões para tradução, além de pedidos espontâneos de participação. Suspeitamos que essa ampla adesão revela, no que tange aos autores e autoras *hispanohablantes*, sua percepção da oportunidade rara de publicarem em português e dialogarem com a academia brasileira – vista por eles e elas, com alguma razão, como apartada da produção teórica dos demais países do subcontinente latino-americano. E, por parte dos brasileiros e das brasileiras, talvez o desejo de posicionarem-se perante os conceitos e os enunciados de um aporte teórico que – para o bem ou para o mal, com ou sem aprofundamentos teórico e epistemológico – vem ganhando destaque na academia brasileira (ainda que tardiamente, diga-se, na medida em que seus escritos fundacionais são do início da década de 1990).

Em meio a essa abundância de textos, em abril de 2020, editores e editora tiveram que tomar uma decisão, junto à Coordenação Editorial da **REDOBRA**,

com vistas a realizarem-se cortes, dividindo o material obtido com dois números de uma outra publicação: a revista *Epistemologias do Sul*, da UNILA. Isso possibilitou que a **REDOBRA** n. 15 torna-se, então, uma montagem ao máximo possível representativa das dinâmicas, dos debates e dos desdobramentos da atividade do minicurso *Insurgências decoloniais*. Uma das prioridades editoriais foi a publicação de artigos e/ou entrevistas de autores e autoras que foram bibliografia daqueles encontros. Outra prioridade foi a publicação de textos de quem havia participado do minicurso na UFBA ou na UFMG. Finalmente, uma terceira prioridade foi ter na revista extratos de pesquisas individuais, que agora estejam em andamento no Laboratório Urbano, que se relacionem direta ou indiretamente com as propostas mais amplas de descolonização do conhecimento e em adesão a pensamentos-outras e a cosmologias-outras.

Abrindo esta edição da revista, a seção **ENTREVISTAS** apresenta longas conversas com a arquiteta brasileira Andréia Moassab, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, o designer, também colombiano, Alfredo Gutiérrez Borrero e o arquiteto cubano Yasser Farrés Delgado – no minicurso, tanto dela quanto deles havia artigos constantes na bibliografia. Em **“Arquitetura, gênero e raça”**, Moassab é entrevistada por Maicon Rodrigo Rugeri, Oswaldo Freitez Carrillo e Leo Name. Ela é professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA e ao longo dos últimos anos vem desenvolvendo, por um lado, uma aproximação do campo de arquitetura e urbanismo com as teorizações advindas das epistemologias do sul e do giro decolonial; e, por outro, uma análise comparatista entre as cidades latino-americanas e as cidades africanas. Na entrevista, ela fala de suas trajetórias pessoal e acadêmica e problematiza o eurocentrismo no ensino de arquitetura. Além disso, ela também tece comentários sobre uma revisão das concepções de patrimônio arquitetônico que considera urgentes – um tema que, no minicurso, e a partir de um artigo seu, provocou um acalorado debate.

Em **“Projeto/ar como a cura da vida”**, Céline Veríssimo conversa com Arturo Escobar, um dos intelectuais do grupo fundacional Modernidade/Colonialidade e que desenvolve conceitos cruzando a abordagem decolonial com a ecologia política. Na entrevista, ele centra atenção em sua discussão mais recente – no livro *Autonomía y diseño* (2016) – sobre as possibilidades de transição e transformação socioecológicas mediante a descolonização do *“diseño”* (que em português tem difícil tradução, podendo referir-se a *“design”*, *“desenho”* ou *“projeto”*). Tendo sido esse um dos assuntos abordado no minicurso, é também foco da entrevista que Alfredo Gutiérrez Borrero deu a Leo Name e Gabriel Rodrigues da Cunha. Em **“Desenhos-outras: da hegemonia ao giro decolonial e dos desenhos do sul aos *dessocons*”**, ele diz acreditar que o design não é apenas uma disciplina, mas um modo de produzir mundos com base numa racionalidade instrumental perpetuada pela modernidade. Se há cosmologias-outras e racionalidades-outras, segundo ele também há *“designs que não se*

chamam assim” e “arquiteturas sem arquitetos”, isto é, variadas produções de artefatos e espaços mediante outras lógicas e outras culturas e com vistas a distintas finalidades – como é o caso do *buen vivir* andino ou *ubuntu* sul-africano, por exemplo, duas dentre muitas visões de mundo sobre as quais ele tece instigantes comentários ao longo da conversa.

Em “**Por um diálogo latino-americano sobre colonialidade, arquitetura e urbanismo**”, Yasser Farrés Delgado conversa com Gabriel Rodrigues da Cunha e Leo Name, abordando sua vida em Cuba e a influência que intelectuais ligados à ilha tiveram sobre seu trabalho – como Roberto Segre, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que faleceu em 2013. Também fala de seu acesso ao giro decolonial por meio de Enrique Dussel e Ramón Grosfoguel – importantes nomes do aporte – e das motivações por trás do conceito de “colonialidade territorial” que ele desenvolveu, e que foi abordado em um dos encontros do minicurso. Para ele, que fornece chaves explicativas para o fenômeno da produção de territorialidades bastante semelhantes levadas a cabo tanto em regimes socialistas quanto capitalistas, o giro decolonial efetivamente carece de uma discussão mais complexa a respeito das distintas dimensões espaciotemporais produzidas pela colonialidade – lacuna que sua teorização visiona preencher.

12

Na seção **ENSAIOS**, tem-se artigos de Paola Berenstein Jacques, Ana Paula Baltazar, Luciana Andrade e Rita Velloso. Paola Jacques e Luciana Andrade participaram do minicurso na UFBA, ao passo que Ana Paula Baltazar e Rita Velloso são pesquisadoras da Escola de Arquitetura da UFMG, instituição que também o recebeu. Em seu texto “**Notas fugidias de nossa herança antropofágica**”, Paola Jacques (Laboratório Urbano, PPG-AU/UFBA) diz considerar relevante o debate no giro decolonial a respeito do eurocentrismo nas ciências, mas diz ver no aporte reificações tanto dos binarismos que supostamente esse aporte estaria disposto a combater quanto da própria ideia de um centro único a ser substituído por outro – ignorando as complexidades do trânsito de ideias. Além disso, chama-lhe atenção o desinteresse de autores e autoras decoloniais pelo pensamento antropófago – não somente o de Oswald de Andrade, mas também de alguns trabalhos que lhe são tributários, como os de Eduardo Viveiros de Castro e Suely Rolnik, por exemplo – e de indígenas do território brasileiro, como Ailton Krenak e Davi Kopenawa. Mais que reivindicar a antropofagia como uma teoria decolonial *avant la lettre*, Jacques visa a problematizar o debate, deixando à mostra essas lacunas.

Em “**Não existe arquitetura decolonial porque não existe ensino de arquitetura decolonial porque não existe arquitetura decolonial**”, Ana Paula Baltazar (NPG-AU/UFMG) também parte do questionamento da dependência cultural brasileira e da canibalização da cultura estrangeira, propostos no *Manifesto Antropófago*, visionando discuti-los nos contextos de projeção em arquitetura. Para Baltazar, não se trata de abandonar todos os procedimentos usualmente adotados, mas de desprender-se de um modo de fazer específico – a

que ela chama de “caixa preta do *modo architectorum*” – que estaria tão normatizado quanto naturalizado. Também inspirada por Viveiros de Castro e com base no entendimento da arquitetura como interface oriundo de sua experiência em ações participativas, a autora defende a passagem da prescrição de um produto impositivo e acabado para o pensamento a partir da lógica do exemplo, segundo ela capaz de albergar a experiência, a inventividade e a sensibilidade.

Luciana Andrade (PROURB-UFRJ), partilha sua experiência no minicurso e sua imersão *a posteriori* na bibliografia decolonial, em “**Por uma escola de [trans] formação urbana: contribuição heterodoxa do pensamento decolonial**” Ela as concatena a seus esforços anteriores com vistas à aproximação entre o ensino de projeto e os desafios da metrópole brasileira, em particular da fluminense. Ao longo do artigo, a autora expõe sua atuação junto a movimentos por luta por moradia, como docente em ateliês de projeto e como orientadora de trabalhos finais de graduação, que serve como preâmbulo para sua proposição de uma “escola de [trans]formação urbana”: agora redesenhada pelo diálogo com alguns escritos de Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez e Yasser Farrés Delgado.

A relação entre os aportes decoloniais e as questões urbanas também são o mote de “**De/descolonizar o urbano, insurreição nas periferias: notas de pesquisa**”, escrito por Rita Velloso (UFMG). Objetivando responder como o giro decolonial pode transformar os fundamentos do pensamento sobre o urbano no Brasil e quem são os novos sujeitos políticos desvelados por esse enfoque teórico, Velloso põe em conversação textos do sociólogo peruano Aníbal Quijano da década de 1970 – época de sua inserção no debate do dependentismo latino-americano – e análises do ensaísta uruguaio Raúl Zibechi das primeiras décadas do século XXI. Para a autora, separadas por quatro décadas, suas distintas elucubrações contêm importantes confluências quanto ao entendimento do papel político que os pobres urbanos, racializados, desempenham na construção das lutas por reconhecimento e justiça social.

O último dos ensaios é “**A invenção das bailarinas orientais**”, de Carolina Bracco, tradução de artigo originalmente escrito em espanhol em 2017. Trata-se de uma versão, contudo, produzida especialmente para a **REDOBRA**, para a qual a autora adicionou uma subseção, antes inexistente. Bracco é Doutora em Culturas Árabe e Hebraica pela Universidade de Granada e é professora da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofias e Letras da Universidade de Buenos Aires. A inclusão desse texto – descoberto quase que por acaso pelos editores e a editora dessa **REDOBRA n. 15** – deveu-se não só à relação que o mesmo possui com o tema da dança, caro ao Labzat e ao Laboratório Urbano, mas também por conta do diálogo que a autora promove entre as teorias decolonial e pós-colonial, cujas distinções foram abordadas no minicurso. Bracco baseia-se, por um lado, nos conceitos de “colonialidade” proposta por Quijano e de “olhar pornográfico-colonial” da antropóloga argentina Rita Segato e, por

outro, na concepção de “orientalismo” de Edward Said. Sua defesa é a de que a dança oriental foi geo-historicamente instituída como um “artefato colonial”, relacionado à categorização mais ampla de “mulher oriental” – determinada entre muitas outras qualidades por uma subordinação que se supõe ancestral. No entanto, ela argumenta também que se a invenção das bailarinas orientais partiu do olhar desejante e dominador de homens ocidentais sobre os corpos dessas mulheres, tal engenho também teria sido ao longo do tempo reconfigurado por outras mulheres do Ocidente e do Oriente na sua relação com seus próprios corpos.

Na seção **EXPERIÊNCIAS**, Clara Passaro e Helena Tuler Creston, doutorandas do PPG-AU/FAUFBA junto ao Laboratório Urbano, partem das experiências intelectuais de suas pesquisas, em fase de conclusão. Em diálogo com a arquitetura e a ergonomia, o tema da dança permanece no texto de Clara Passaro que abre a seção: **“Por uma descanonização dos modelos ocidentais modernos de corpo na arquitetura (na dobra com a dança)”**. Ela incita um debate a respeito de Le Corbusier e Ernst Neufert, autores canônicos do campo de arquitetura; e sobre Rudolf Laban, nome celebrado no campo da dança. A autora aposta sua leitura crítica com base no que julga uma urgência contemporânea: relacionar o tecer projetual com a compreensão estática de um corpo universal e genérico. Já Helena Tuler Creston, em **“Luta indígena e decolonialidade no Brasil: identidade como tática, multiplicidade como devir”**, tem como evento disparador o anúncio de resistência até a morte, feito pelos Guarani-Kaiowá, contra o despejo que se pretendia executar em seus territórios no Mato Grosso do Sul. Analisando as subsequentes ações na Internet levadas a cabo sob o lema “somos todos guranai-kaiowa” e tendo entre suas bases conceituais os aportes decoloniais, Creston problematiza a sempre controversa noção de “identidade” – mas a válida como tática.

14

A seção é encerrada por Dilton Lopes e Ramon Martins, doutorandos do Laboratório Urbano – o primeiro também é docente da FAUFBA. Em **“Desfundar a escrita conquistadora, reinscrever-se na pele do mundo”**, eles partem dos questionamentos provocados pelo minicurso e sua bibliografia decolonial e propõem-se a uma reflexão dialógica com base em variados textos e autores há muito ou mais recentemente em circulação no Laboratório Urbano. Lopes e Martins, como Creston, também dão atenção às identidades: eles as consideram a culminação da práxis que apresenta a escrita e o ato de nomeação como instrumentos tomados em propósitos coloniais, sejam a serviço da reprodução de trabalho e capital, mas sejam também, paradoxalmente, como possibilidades disruptivas. Para isso, o ensaio põe em diálogo, em maior ou menor grau, distintos autores: Aníbal Quijano, Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Achille Mbembe; mas também Michel de Certeau, Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman.

Na seção **DEBATES**, têm-se traduções de textos dos já citados Alfredo Gutiérrez

Borrero e Yasser Farrés Delgado. Do primeiro, traduziu-se um artigo de 2015, **“Ressurgimentos: suis como desenhos e desenhos-outros”**, em que o autor debate o campo do design e incita o pensamento com base em cosmologias-outras para produzirem-se “desenhos-outros” – equivalentes ao que chamamos de design, mas tendentes a projetos de mundo socialmente mais justos e ecologicamente mais responsáveis. De Farrés Delgado, apresenta-se a tradução de um texto originalmente publicado em 2016, **“Arquitetura e decolonialidade: algumas ideias sobre a Escola de Artes Plásticas de Ricardo Porro”**. O artigo parte da análise de uma edificação da década de 1960 assinada pelo arquiteto cubano Ricardo Porro para, por um lado, discutir o conceito de colonialidade arquitetônica formulado por Farrés Delgado; e, por outro, para interrogar se a Escola de Artes Plásticas, reverenciadora de espacialidades não modernas, teria sido um exemplo precoce de arquitetura decolonial. Fecham a seção uma síntese visual de Leo Name, Tereza Spyer, Gabriel Rodrigues da Cunha, Marcos Vinicius Bohmer Britto e Ana Carolina Rodrigues de Oliveira do minicurso que coletivamente organizaram, com o mesmo título: **“Insurgências decoloniais: geopolítica do conhecimento para outros mundos possíveis”**.

Finalmente, a presente edição da REDOBRA encerra-se na seção **RESENHA**, com **“Autonomía y diseño’ de Arturo Escobar”**. Marcos Vinicius Bohmer Britto disserta sobre o ampliado uso por parte do autor do vocábulo *diseño*, apresentado na já referida obra como um modo de produzir diferentes mundos – inclusivamente os socialmente e ecologicamente mais justos. Tal obra de Escobar, vale lembrar, foi a referência do quinto encontro do minicurso, gerando inúmeros debates.

Boa leitura!

Fabiana Dultra Britto,
Janaína Bechler e
Leo Name